

CONCEITOS DA PSICANÁLISE
Associação Livre

viver
mente&cérebro

CHRISTOPHER BOLLAS

CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Associação Livre

CHRISTOPHER BOLLAS

Editor da série
Ivan Ward

viver
mente & cérebro

tt
Duetto


Relume Dumară

Ideas in Psychoanalysis – *Free Association* foi publicado no Reino Unido em 2002 por Icon Books Ltd., The Old Dairy, Brook Rd, Thriplow, Cambridge SG8 7RG
Copyright do texto © 2002 Christopher Bollas

Conceitos da Psicanálise – *Associação Livre* é uma co-edição da Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda. com a Relume Dumará Editora.

Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda.: Rua Cunha Gago, 412, 3º andar, São Paulo, SP, CEP 05421-001, telefone (11) 3039-5633.

Relume Dumará Editora: Rua Nova Jerusalém, 345, Bonsucesso, Rio de Janeiro, CEP 21042-235, telefone (21) 2564-6869.

Copyright da edição brasileira © 2005 Duetto Editorial

Indicação editorial

Alberto Schprejer (Relume Dumará Editora)

Coordenação editorial da série brasileira

Ana Cláudia Ferrari e Ana Luísa Astiz (Duetto Editorial)

Tradução e edição

Carlos Mendes Rosa

Revisão técnica

Paulo Schiller

Revisão

Eliel Silveira Cunha

Capa

Foto de Icon Books

Diagramação

Ana Maria Onofri

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B674a Bollas, Christopher
 Associação livre / Christopher Bollas : tradução Carlos Mendes Rosa. - Rio de Janeiro : Relume Dumará : Ediouro ; São Paulo : Segmento-Duetto, 2005
 (Conceitos da psicanálise : v.13)

Tradução de: Ideas in psychoanalysis : free association
ISBN 85-7316-445-X

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Klein, Melanie, 1882-1960. 3. Associação livre (Psicologia). 4. Psicanálise. I. Título. II. Série.

05-3142.

CDD 150.195

CDU 159.964.2

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

A BORDO DE UM TREM

Você está viajando de trem e fica maravilhado com as paisagens que se sucedem. O trem passa por um aeroporto, cruza um canal, atravessa um campo, faz uma subida longa por um morro baixo cheio de vinhedos, desce num vale repleto de indústrias, serpenteia por florestas escuras e enfim chega aos arredores da cidadezinha em que você vai desembarcar.

Cada lugar provoca uma série de associações.

O aeroporto lembra o verão que está chegando e as férias no exterior. Lembra o avião que trouxe você para morar nesse lado do mundo; as obras de expansão intermináveis dos aeroportos; os aviões que ainda estão nas pranchetas de projeto; a coisa louca que é voar; e inúmeros fragmentos de pensamento que por pouco não chegam à consciência.

Ao cruzar o canal, você pensa na sonhada viagem de barco, ainda não realizada, como símbolo do potencial que resta na vida. Você se lembra do canal Erie, nos Estados Unidos, das canções e do folclore ligados a ele. Pensa na antiga casa da sua sogra e do seu sogro, que ficava ao lado de um canal pequeno. Talvez você até se lembre do dentista e de um tratamento de canal.

E acontece o mesmo com os outros “objetos” por que você passou nessa viagem.

Freud usou a viagem de trem como modelo da sua teoria de associação livre: “Aja como se fosse, por exemplo, um viajante sentado junto da janela de um vagão de trem que descreve para alguém dentro do vagão a mudança da paisagem que você vê do lado de fora”¹.

Em certo sentido, Freud limitou-se a tomar nota de como criamos linhas de pensamento, que se ramificam em muitas direções diferentes, revelando diversos interesses inconscientes, quando pensamos sem nos concentrar em nada específico – passando de uma idéia para a outra num encadeamento infundável de associações.

Por exemplo, quando eu estava escolhendo uma série de associações relativas ao canal, me ocorreu o tratamento do canal de um dente depois de ter menciona-

do a localização da antiga casa dos sogros – uma linha de pensamento em que não vou me aprofundar, mas que, se eu o fizesse, poderia muito bem revelar, pelo processo de associação livre, uma história muito mais complexa, uma história contada não nas entrelinhas, mas por meio do encadeamento de idéias nas linhas.

A psicanálise concentra-se na “viagem” diária que todos nós fazemos, estimulados pelo desejo, pela necessidade, pela memória e pela vida emotiva.

LINHAS DE PENSAMENTO

O método da associação livre foi criado para revelar uma “linha de pensamento”. Só de falar livremente qualquer pessoa revela uma linha de pensamento – uma linha de pensamento Outra² – ligada por uma lógica oculta que conecta idéias aparentemente desconexas.

Isso é uma parte comum do pensamento cotidiano. Por exemplo, eu talvez comece a minha caminhada para o trabalho pensando numa conta que não posso deixar de pagar à tarde quando estiver no consultório; em seguida, lembro-me da chuva e me pergunto se o sol vai aparecer hoje; depois, penso no livro recém-publicado de um amigo, que ainda não li mas devo

ler antes de jantar com ele na semana que vem; em seguida penso nos meus tempos de escola quando vejo crianças sendo deixadas na escola vizinha; então penso na preocupação que se tem quando criança de chegar à escola na hora; então, ao ver alguns pardais voando, lembro-me da primavera e me pergunto se os passarinhos já estão fazendo ninhos; então, penso na expressão “cesta de ovos”.

Podemos observar aí, em poucas palavras, o seguinte encadeamento: contas, chuva, livro do amigo, crianças descendo de carros, ser pontual na escola, passarinhos em época de chocar e “cesta de ovos”.

O que essas idéias têm em comum? São aleatórias ou podemos discernir uma linha de pensamento?

Tenho uma conta para pagar e me lembro de pagá-la *mais tarde* naquele dia. Ela é uma espécie de peso na minha cabeça, que pode ser associada a tempo chuvoso, em si um estorvo: quando o sol vai aparecer? Em outras palavras, quando estarei livre dos meus deveres? Enquanto reflito sobre isso, meu inconsciente parece estar dizendo que tenho outra obrigação: você deve ler o livro do seu amigo antes de vocês se encontrarem para jantar. Ao ver crianças sendo deixadas na escola, sou levado a pensar em pontualidade – uma

angústia de estar atrasado que é provavelmente uma manifestação da minha angústia de pagar a conta ainda hoje; ao mesmo tempo, ao “usar” a cena das crianças para localizar essa ansiedade, é também provável que eu esteja me escondendo atrás da idéia de que uma criança como eu não deveria ter de pagar contas. Os passarinhos, que intuo serem pais que estão construindo ninhos, podem significar a necessidade que uma criança tem de cuidados, mas a expressão “cesta de ovos” talvez seja uma maneira de pensar no banco e em investir dinheiro: construir algo para o futuro. É de esperar que eu esteja à altura das minhas responsabilidades de pai.

O PAR FREUDIANO

Embora Freud não tenha “descoberto” a associação livre, ele criou a sessão psicanalítica, que deu um espaço bastante privilegiado e prático a esse modo corriqueiro de pensar. Mais importante, ao pedir ao paciente que pensasse alto, Freud correlacionou o monólogo natural da fala solitária interior ao diálogo natural da relação entre duas pessoas, uma parceria que podemos denominar *par freudiano*. Vejamos como ele se referiu a isso:

O tratamento começa ao se pedir ao paciente que se coloque na posição de um observador atento e imparcial de si mesmo, que simplesmente leia a superfície da sua consciência e que, por um lado, se comprometa com a mais completa sinceridade e, por outro, não deixe de transmitir nenhuma idéia, mesmo que (1) ele ache que a idéia é desagradável demais ou (2) a considere sem sentido ou (3) sem importância alguma ou (4) irrelevante para o que se investiga. Percebe-se com regularidade que precisamente essas idéias que provocam as reações mencionadas por último têm um valor especial na descoberta de material esquecido.³

Note que Freud não dá grande prioridade à revelação do pensamento desagradável. A idéia de que o psicanalista procura os segredos sinistros do paciente parece não ter surgido do método de Freud. Ao contrário, o material mais valioso é aparentemente “irrelevante”.

Freud acreditava que o conteúdo mental banido voltasse ao consciente bem disfarçado, de modo que seria mais provável que as idéias e as emoções proibidas se manifestassem no detalhe aparentemente banal.

A tarefa confiada ao paciente foi alvo de diversas interpretações erradas. Será que Freud realmente pre-

sumia que qualquer um revelasse todo pensamento que lhe viesse à cabeça? Aliás, não seria muito esquisito revelá-los? Quase de imediato Freud esclareceu a premissa de falar o que viesse à mente afirmando que haveria resistências a isso, principalmente à novidade da transferência. Com o tempo, porém, os próprios psicanalistas transformaram a associação livre numa espécie de prática ideal – tanto que, nos anos 1950, era comum eles dizerem na surdina que obviamente ninguém conseguiria fazer aquilo. Mesmo hoje muitos analistas consideram a associação livre um ideal distante e irrealizável.

FALA LIVRE

As coisas ganham sentido, no entanto, se redefinirmos associação livre como *fala livre* – nada mais do que dizer o que vem à mente, passando de um tópico para o seguinte numa sequência espontânea, sem seguir um plano. O analista pode e deve encorajar o paciente a expressar os pensamentos do fundo da mente ou, como Freud, enfatizar a necessidade de interromper a narrativa se *outros* pensamentos aflorarem. Contudo, mesmo que os pacientes raramente façam isso, eles fazem associa-

ções livres quando passam livremente de um tópico a outro na sessão.⁴

Nessa liberdade de movimento psíquico existem resistências ao retorno do que é indesejável – isto é, antes repudiado –, assim como outras defesas contra a dor psíquica decorrente dessa liberdade de pensamento. Assim, a associação livre é sempre uma “transigência” entre as verdades psíquicas e o esforço do eu em evitar a dor provocada por tais verdades. Muito ironicamente, no entanto, a fala livre transmite o processo mental do analisando, revelando o esforço inerente ao pensamento em si mesmo.

Para os pacientes do tempo de Freud e de hoje, entretanto, o método sempre pareceu indiferente ao seu estado quase de propósito. “O que você quer dizer com só lhe dizer o que passar na minha cabeça?” “Você não pode me dar alguma orientação?” “Então, por que você não faz umas perguntas que eu consiga responder?” “Mas você sem dúvida tem experiência e sabe um pouco por que estou sofrendo e por que motivo. Por que não me explica isso?” E, mais comum ainda: “Me desculpe, mas não agüento esse troço do Freud. Preciso consultar alguém que realmente me ajude”.

A psicanálise não dá soluções imediatas para os sintomas ou para a vida dos pacientes. Ela propicia uma relação que permite ao analisando dar atenção ao que a sua vida inconsciente diz e à insistência de Freud em que o material mais valioso se encontra no que é aparentemente irrelevante – uma espécie de busca trivial, resultante das suposições modernas de que, para compreender um objeto (um período histórico, um romance, uma pessoa), deve-se examiná-lo no seu sentido normal, e não prejudicá-lo com suposições hierarquizadas.

Se virmos na crença no cotidiano uma fonte valiosa da verdade humana que teve início no Renascimento, teve continuidade na preferência do romantismo pelas vidas comuns e chega aos dias de hoje nos estudos acadêmicos que acreditam que as informações do dia-a-dia são objeto fundamental da pesquisa erudita, então a teoria das evidências de Freud é a psicologia do tempo atual. Até mesmo o preceito pós-moderno de que qualquer verdade se decompõe em verdades menores – que de seu lado se multiplicam por meio de digressões epistêmicas em fragmentos da sua antiga asserção – é uma consequência significativa do método de associação livre. Na associação livre de um sonho,

não só o paciente fornece evidências que permitirão ao psicanalista entender certos aspectos do sonho, mas também, como veremos, o método subdivide a unidade do sonho em linhas de pensamento dispares – a princípio condensadas pela construção onírica –, que então disseminam possibilidades infinitas.

O ANALISTA ENLEVADO

Se o paciente achar a sua tarefa incômoda, o que ele pensará da função do psicanalista?

A experiência logo mostrou que a atitude que o médico analista poderia adotar com grande proveito seria render-se à sua atividade mental inconsciente, num estado de atenção imparcialmente enlevada, para evitar ao máximo a reflexão e a elaboração de expectativas conscientes, tentar não gravar especialmente na memória nada que tenha ouvido e, com esses artifícios, captar o fluxo do inconsciente do paciente com o seu inconsciente.⁵

Esse modo de escutar é revolucionário.

O analista não deve refletir sobre o material; não deve elaborar conscientemente idéias sobre o material; não deve lembrar-se de nada. E por quê? Porque, ao se

render ao seu inconsciente, o analista consegue usá-lo para “captar o fluxo” do inconsciente do paciente. Em outras palavras, a psicanálise funciona por meio da comunicação inconsciente!

Qualquer paciente à procura de um especialista que tenha respostas ficaria ainda mais desconcertado se soubesse como esse “clínico da saúde mental” trabalha: uma vez capturado pelo fluxo do outro, o que o psicanalista diria ao paciente? Talvez não muita coisa. Na verdade, o segredo da tarefa do analista é dispersar a sua consciência não se concentrando em nada, não procurando nada, não se lembrando de nada. Perguntar ao analista o que ele está pensando enquanto ouve o paciente seria quase o mesmo que despertar alguém que meditava.

O método de Freud era tão perturbador que até os seus seguidores não puderam aderir às suas instruções explícitas e às consequências delas. Os psicanalistas preferiram concentrar-se em outras partes da obra de Freud, especialmente na idéia de que a psicanálise procura tornar conscientes os conflitos inconscientes, para que o paciente possa refletir conscientemente com mais liberdade. Sem dúvida isso corresponde à verdade, até certo ponto. Por meio da

associação livre, o psicanalista realmente toma conhecimento de alguns dos pontos de vista reprimidos do paciente e, nos momentos de revelação – quando a linha de pensamento de repente se torna clara na mente do analista –, o psicanalista diz o que pensa ou sabe, talvez aumentando o conhecimento que o paciente tem de si.

No entanto, o método tem implicações mais amplas do que a transformação já impressionante de idéias inconscientes em conscientes: ele realmente desenvolve as habilidades inconscientes do paciente e do psicanalista. Isso, como veremos, é uma nova forma de criatividade possível apenas no espaço psicanalítico.

COMUNICAÇÃO INCONSCIENTE

“É muito surpreendente que o inconsciente de um ser humano consiga reagir de acordo com o de outro sem passar pelo consciente”⁶, escreveu Freud em 1915. Então, quando o paciente fala livremente e o analista se enleva com imparcialidade, o método transforma-se em meio de comunicação inconsciente. Aliás, Freud havia comparado a comunicação inconsciente com um telefonema em que o receptor faz da mensagem uma fala coerente. (“Para dizer na forma de receita: ele deve

dirigir o seu inconsciente como um órgão receptor para o inconsciente transmissor do paciente.”⁷)

Poderíamos muito bem nos perguntar como isso acontece, ainda mais porque Freud – afora as metáforas – não esclarece quais são os pressupostos da comunicação inconsciente. É certo que ele não se referiria ao seu modelo topográfico de repressão, porque, se fosse assim, seria uma teoria da ilusão por distorção: como pode uma pessoa transmitir as suas ilusões a um ouvinte que supostamente age de modo parecido?⁸

Procuremos as pistas no par freudiano: o analisando em associação livre, o analista imparcialmente enlevado.

Uma sequência de pensamentos revela-se num encadeamento de idéias que parecem desconexas. Um paciente fala em ouvir a *Missa em Si Menor*, de Bach; após uma pausa, fala em ir à Selfridges [loja de departamentos] para comprar um taco de críquete para o seu filho; depois menciona uma conversa com um amigo cujo tema foi o significado da lealdade; depois se refere a uma recordação da juventude, quando ele achou um carro abandonado que fora roubado alguns dias antes, assunto que o paciente

agora percebe ter relação com um sonho da noite anterior; e assim por diante...

Qual a ligação entre Missa/Bach e Selfridges/crquete e todo o resto? É difícil responder, não? Se o tempo permitisse, deveríamos acompanhar as outras associações do paciente até chegarmos a uma revelação – ponto em que depararíamos com um padrão de pensamento composto dessas linhas de ligação entre idéias díspares.

Voltando um pouco, a lógica dessa seqüência curta pode revelar o seguinte pensamento: “Eu estaria numa enrascada se, por causa do meu desejo de enriquecer [*‘self-rich-es’*], eu não jogasse *cricket* [*fairly*] com meus amigos, ainda mais se me deixasse levar [carro] por idéias roubadas de outras pessoas”¹⁸.

No entanto, essa interpretação das associações seria inevitavelmente incompleta. Certas palavras, como Selfridges, suscitam outras, e assim, além das citadas, podemos também depreender *elf*, *rigid* ou *frigid* [elfo, rígido ou frígido]; talvez seja lembrada a expressão “*that’s not*

cricket” [isso não se faz; isso não é correto], assim como os diversos sentidos da palavra *bat* [taco] em vários contextos diferentes: *right off the bat* [agora mesmo; sem hesitar], *old bat* [velho rabugento]. Mas mesmo assim esses significantes cruzam com outras palavras prováveis no limiar da consciência. Talvez você consiga ouvir a palavra *get* em *cricket* ou *bad* [mau; ruim] em *bat*. Enquanto o analisando faz associações livres, apresentando uma profusão de sons, o analista recebe um rede complexa de correlações – quase sempre inconscientemente.

Existe, então, não um único encadeamento de pensamentos, mas, como veremos, linhas múltiplas de interesse psíquico, que transitam por momentos da vida como uma inteligência brilhante e silenciosa. O analista, ao entrar no estado de atenção enlevada e imparcial, coloca-se sob influência da ordem inconsciente. Guiado pela lógica do encadeamento de idéias do paciente, a analista descobre retrospectivamente, em certo momento, o significado (ao menos parcial) do que o paciente disse até então.

A SUBJETIVIDADE DO PSICANALISTA

Nós nos comunicamos inconscientemente, portanto, quando cedemos ao modo como o pensamento

¹⁸ As associações, claro, são em inglês. Assim, *my wish to enrich myself* (meu desejo de enriquecer) dá a entender “*self-rich-es*” (cuja pronúncia lembra Selfridges); *play cricket* (literalmente, “jogar crquete”) é também expressão idiomática que significa “ser leal”; e *to be carried off* (deixar-se levar) contém a palavra *car* (carro). (N. do T.)

inconsciente ocorre – pela associação livre de idéias, que revela uma ordem oculta do pensamento. O inconsciente do analista reconhece essa forma de pensar como sua e assume a incumbência de apreender os padrões de pensamento, alguns dos quais podem ser levados à consciência.

E como fica a “reação subjetiva” do psicanalista? Será que o analista distorce o que ouve? Levando em conta a dinâmica do inconsciente do analista, como confiar que ele vai captar o encadeamento de associações?

Diante do fato de que o psicanalista reprime certos conteúdos do paciente, condensa vários materiais psíquicos na sua miríade de pensamentos, distorce ou altera informações conforme a construção onírica do inconsciente, como afirmar a nossa capacidade de discernir, receber e integrar a lógica de associação do paciente e se comunicar com ela?

O problema é da forma contraposta ao conteúdo. A vida inconsciente do analista altera as informações transmitidas pelo paciente, elaborando-as oniricamente nos complexos inconscientes criados pelo próprio analista. Ao mesmo tempo, porém, a capacidade do ego de acompanhar a estrutura da lógica inconsciente

continua existindo – uma aptidão de conduta em que a atividade do inconsciente do analista não intervém, assim como um motorista dirige um carro sem se deixar influenciar por seus pensamentos passageiros.

O reconhecimento do padrão é a capacidade do ego de perceber a realidade paralelamente aos conteúdos inconscientes dele próprio ou aos estados emocionais da mente. Se o analisando pensa por meio de fala livre, usando, portanto, o analista como intermediário do pensamento, então ambos os participantes usam uma parte do ego habituada à atividade de recepção inconsciente. Essa recepção se inicia na infância, quando a mãe transmite ao bebê mensagens complexas por meio de *formas* de comportamento – padrões recorrentes –, assimiladas pelo bebê como formas internas que servem para compreender a vivência.

A capacidade de seguir a lógica da sequência é uma qualidade formal do ego – um tipo de inteligência – que não sofre influência fundamental da vida interna do receptor nem das circunstâncias da relação dos que dela participam.⁹

De fato, no diálogo livre, quando duas pessoas fazem associações livres numa conversa longa, como costuma ocorrer com amigos íntimos, elas criam linhas de

pensamento inconsciente, atuando associativamente, à medida que passam de um assunto para o outro. É fácil fazer isso porque admitimos essa influência mútua inconsciente quando estamos descontraídos na presença de um outro.

Mesmo que o inconsciente do analista busque em outros lugares a lógica associativa – não fazendo nada mais que reconhecer o modo como as pessoas, antes de tudo, pensam fracionadamente –, o analista elabora o material do paciente como num sonho: condensando palavras e imagens, substituindo idéias; em outras palavras, transformando o conteúdo conforme a sua leitura inconsciente. Mais adiante trataremos das “frequências” da comunicação e da grande probabilidade de a recepção do analista dos conteúdos do paciente variar conforme as linhas divergentes das associações anteriores de que ele se lembra.

O inconsciente do analista sabe onde está quando “em análise”, assim como o inconsciente de um compositor ou de um pintor sabe a diferença entre o envolvimento necessário à composição ou à pintura e os muitos outros momentos da vida, como ir a um banco ou ler um livro. A percepção inconsciente do lugar inconsciente do eu é crucial para o analista e o anali-

sando saberem onde se encontram e por que estão aí quando criam juntos a psicanálise.

Nesta altura, é interessante apresentar outros fatos que têm contribuído para o entendimento e o uso da associação livre na psicanálise contemporânea.

RELAÇÕES DE OBJETO

Melanie Klein e seus seguidores descobriram que, quando falamos livremente, quase sempre parecemos falar de partes nossas.

O paciente faz associações livres usando “objetos” que substituem “partes” do eu em relação aos seus objetos mentais, geralmente formas diferentes de representação de outras pessoas. Então, a sequência Missa/Bach, Selfridges/taco de criquete, amigo/lealdade, juventude/carro roubado etc. poderia ser um drama de desenvolvimento livre em que as partes disparem do eu *objetivam* um conflito no teatro da associação livre. Nesse caso particular, diríamos que o paciente põe uma parte solene de si mesmo na massa de objetos e depois, angustiado com uma compreensão parcial, tenta livrar-se dessa dor psíquica.

A sequência dessas interpretações pode ser a seguinte:

1. “Você está ouvindo uma parte sua deprimida.”
2. “Você quer fingir para fugir da depressão.”
3. “Uma parte sua sente que não é leal ignorar a depressão.”
4. “Você vai descobrir que, para ter esse comportamento fingido, basta encontrar soluções dos outros que você já havia rejeitado.”

O modo freudiano de escutar demora muito a descobrir a lógica da seqüência – quando não se descobre um encadeamento, pode-se passar sessões inteiras em silêncio –, ao passo que a técnica da relação de objeto permite a significação imediata. Se o pensamento freudiano afirma que o texto manifesto nunca apresenta o inconsciente e é sempre um disfarce maior, o ponto de vista da relação de objeto reconhece no texto manifesto um quadro preciso de partes do eu, mesmo que se duvide do que é retratado.

Na verdade, a psicanálise contemporânea tende a oscilar entre essas duas perspectivas de escuta e é influenciada por ambas.¹⁰ Aliás, é provável que o analisando use formas discrepantes de associação livre: de acordo com o pensamento de Freud, segundo a lógica da seqüência, ao pensamento de

Klein, de acordo com a lógica da projeção. Assim, numa sessão o paciente pode abandonar o modo de pensar seqüencial para pensar por meio da projeção; da mesma forma, o analista, por motivos diferentes, pode deixar de escutar como Freud para escutar à maneira da relação de objeto.

EFEITOS ESPECIAIS

A teoria das relações de objeto concebe outra forma de comunicação inconsciente, a que se dá pela transferência e pela contratransferência.

Os pacientes pensam interagindo com o psicanalista; nesse sentido, falar é sempre uma “ação performativa” – para usar a expressão do filósofo inglês John L. Austin –, pois temos um objetivo implícito ao falar e provocamos efeitos diferentes naquele que escuta. Obviamente, na maioria das vezes a ação é benéfica: o paciente usa a mente do analista como intermediária do pensamento por associação livre. Todavia, a fala do paciente costuma atuar sobre o analista para obter alguma resposta precisa, quase sempre perturbada.

Paula Heimann apresentou uma questão interessante no começo dos anos 1950 quando perguntou a um paciente que fazia associação livre: “quem está falando,

para quem, sobre o quê e por que agora?”¹¹ Margaret Little, embora não tenha feito uma correlação explícita, propôs uma série de perguntas complementares: “o que estou sentindo, sobre o quê e por que agora?”¹² Os psicanalistas britânicos acabaram se aprofundando no estudo de como o paciente transmite o seu mundo interior por intermédio dos vários efeitos que ele provoca no analista.

Por exemplo, um paciente sempre falava com uma voz entrecortada toda vez que o analista se referia aos seus sentimentos. O analista passou a evitar falar da vida emocional do paciente. Em determinada sessão, o paciente se queixou de que ninguém podia sentir o que ele enfrentava na vida. O psicanalista disse que entendia o que ele queria dizer e explicou que evitava tocar nos seus sentimentos porque, quando o fazia, o paciente reagia com rispidez e arrogância. O paciente achou que isso fazia sentido e disse que não queria que ninguém se aproveitasse dele quando ele se sentia vulnerável, o que provocou uma investigação das angústias e das necessidades inconscientes antes ocultas nessa forma de transferência do paciente.

A teoria das relações de objeto ajudam a ver como num momento a pessoa pode falar por intermédio do

eu edipiano com uma parte da personalidade da sua mãe, depois falar com a idade atual com uma parte do seu eu adolescente e então falar com o seu eu perto da casa dos 30 anos. No decorrer de uma semana de análise, essa pessoa falará com partes da sua personalidade e também com partes da sua mãe ou do seu pai, e cada uma das vozes se ligará a um outro implícito ou explícito.

Veja o que um paciente disse no início de uma sessão:

Puxa! Que tempo horroroso! Estou tão exausto que vim arrastando os pés. [Risos. Depois ele se recompõe.] Então, mãos à obra. Então... o que aconteceu na última semana? [Faz uma pausa.] Ahn... Não sei mesmo. Talvez não muita coisa. Vi Frank, que, como sempre, aproveitou muito bem o fim de semana [etc.].

O paciente inicia a sessão não só falando como a sua mãe mas com a interiorização de uma parte dramática e narcísica da personalidade dela. Ele ri como quando se refere a ela, mas não tem consciência de que essa risada representa a sua diversão com a mãe que acabou de apresentar. A ordem discreta de pôr mãos

à obra não só lembra a voz do seu pai, mas deixa essa parte da sua personalidade numa posição tipicamente paralisada, o que o leva a um comentário um tanto desesperado de que ele não sabe – uma voz e um estado interno comuns quando o pai o advertia na fase de latência. A personagem Frank é uma projeção do eu adolescente do paciente, um eu que costumava resolver problemas psicológicos e familiares por meio de surtos de atividade. Assim, nos primeiros minutos de uma sessão, o analisando fala de várias facetas da sua personalidade que participam de uma espécie de diálogo intrapsíquico.

Em certas ocasiões, a fala livre lembra um teatro de eus múltiplos e de outros mergulhados numa ópera complicada, com identidades que “pensam” em algo por meio da representação. E em geral tais identidades apresentam simultaneamente partes da estrutura da personalidade do eu: uma parte maternal, uma parte adolescente, uma parte edipiana. Portanto, ao fazermos associações livres, às vezes damos vazão a uma discussão acirrada entre as partes e as funções variáveis da nossa personalidade e, atarefados, escolhemos soluções inconscientes para diversos interesses e conflitos inconscientes. Ou, como eu disse antes, essas partes

são elementos da personalidade do eu que ocupam os diversos processos mentais do analista numa “peça de elementos”¹³.

O DISCURSO DO CARÁTER

O caráter de uma pessoa é outro tipo de associação livre. Ele contém pressuposições sobre o modo de ser e os relacionamentos que a princípio não são passíveis de reflexão, mas são reveladas pela língua que exprime a própria identidade.

O caráter é o eu como forma.

Pense num poema. Um poema é expressão declamada. “Os poemas comunicam antes de ser entendidos, e a estrutura repercute no leitor, ou dentro dele, enquanto as palavras se infiltram na consciência”, escreve o poeta americano Edward Hirsch. “A forma é o caráter da interpretação do poema, e é ela que estrutura a nossa percepção.”¹⁴

Os estudantes de poesia (ou de música ou de artes plásticas) desenvolvem uma noção inconsciente da identidade formal dos seus objetos de estudo, de modo que, mesmo que não tenham lido, ouvido ou visto o objeto específico, eles quase sempre são capazes de identificar o escritor, o compositor ou

o artista pelos efeitos formais imediatos do objeto. Uma prova final de poesia, por exemplo, pode ter 30 ou mais amostras de diversos poetas, e o aluno tem de associar o nome ao estilo.

O mesmo acontece com o caráter. De um modo bem mais complexo que um poema, uma música ou uma obra de artes plásticas, todas as pessoas se expressam pela ação: representam a linguagem do seu modo de ser da mesma maneira que dão forma ao mundo dos objetos – uma iniciativa estética que sem dúvida gera outras. Na verdade, a outra pessoa deve nos “conhecer” por meio desse efeito formal, exatamente como Hirsch descreve a repercussão de um poema na pessoa que o lê.

Poderíamos também recorrer a uma metáfora musical e dizer que o caráter é uma sinfonia do eu que usa o outro como instrumento para tocar a sua linguagem – uso que o outro conhece, por ter sido formado para tanto. Esse emprego, todavia, só em parte chega à consciência. Podemos considerar esse aspecto da associação livre uma iniciativa do “conhecido impensado”: de algo que se conhece, que na verdade diz muito do modo de ser e dos relacionamentos de qualquer indivíduo, mas deve ser vivido e só pode ser descrito precariamente.

Essa é a *nossa alteridade*.

Tal qual o movimento da linguagem transmitida por qualquer indivíduo e vivido pelos seus outros, a alteridade ao mesmo tempo é e não é propriedade de cada um: embora ela provenha do eu, só pode ser vivenciada por outro. A comunicação da nossa alteridade é o caminho que o nosso ser adota em vida. O estilo de um poema “tanto cria a superfície da vida inconsciente profunda quanto a invoca, e a evoca”¹⁵, de modo semelhante ao da alteridade do eu. Se os outros forem receptivos a qualquer manifestação do eu a respeito da sua alteridade – e é claro que existem muitos impedimentos a essa receptividade, como inveja e ódio –, a liberdade de associação, que é o deslocamento do caráter, fará surgir uma profundidade equivalente nos outros que são receptivos. Como forma de comunicação na psicanálise, o caráter evoca uma profundidade de recepção no analista – atuando no registro da forma, não do conteúdo –, que por sua vez traz à tona características mais profundas do modo de ser de todo indivíduo. Os pacientes costumam regredir na análise, revivendo modos de ser muito precoces no que os psicanalistas chamam de período pré-edipiano ou pré-verbal. Essas regressões só ocorrem se o analista for re-

ceptivo ao caráter do analisando, que inevitavelmente se expressa por meio de iniciativas grosseiras de “uso do objeto”. Esses movimentos se manifestam antes que as palavras sejam significativas: existem no mundo em que a fala era a representação de algo – quando a palavra *era* a coisa em si.

O ECO FREUDIANO

Cada geração de psicanalistas volta a Freud não apenas para estudar as origens da psicanálise, mas porque os textos dele eram tão profundos que se descobre um parágrafo aqui e uma frase ali que provocam uma reavaliação das hipóteses contemporâneas. É bastante estranho – e, para alguns, muito embaraçoso – descobrir, ao reler Freud, uma linha de pensamento voltada para o futuro, que de início se pensava abandonada por ele, talvez por falta de tempo, e por seus seguidores, talvez por falta de capacidade.

Retomando o trecho do psicanalista imparcialmente enlevado (página 14), repito a pergunta: onde estaria o psicanalista ao escutar com aquela disposição e como seria possível saber se ele se comunica inconscientemente com o paciente?

Em certo sentido, a resposta é decepcionante de tão simples.

Ao ouvir qualquer paciente que fale livremente, o psicanalista vez ou outra acha surpreendente determinada palavra, imagem, movimento corporal ou expressão. Ele não sabe por quê (lembre-se de que o analista não deve saber necessariamente por que está tão comovido). Quando o paciente pára de fazer associações, quase sempre o analista acha sugestiva a última palavra dele. “Vi meu colega ontem num jogo de futebol, e ele estava com um estranho.” Tocado com a palavra “estranho”, o analista a repete. Se ele está se comunicando inconscientemente com o paciente, a repetição de uma palavra evocativa estimula novos pensamentos. Quanto ao estranho, aliás, o paciente não só o descreveu como cometeu um lapso e se referiu a *manger*⁶, associação que acabou levando à fantasia de que o seu colega estava acompanhado de uma figura que era o novo messias do mundo dos negócios.

Ao repetir as palavras do paciente, o psicanalista rende-se à sua percepção emocional das informações transmitidas pelo paciente, pela qual ele pode saber em

⁶ Esse lapso ocorre só em inglês, pela semelhança sonora de *stranger* (estranho) com *manger* (majedoura). (N. do T.)

seguida se está sintonizado com o paciente. Se este fica em silêncio ou pede um esclarecimento, geralmente se trata de um indício de que o analista não estava sintonizado com ele.

O ESPELHO FREUDIANO

O eco freudiano é uma forma de reflexo: o psicanalista reflete a fala do paciente, transformando-a de uma palavra “comum” inserida numa seqüência de idéias em algo diferente. A palavra ganha um valor psíquico mais elevado e passa a residir no inconsciente do paciente como uma força dinâmica (ou “nó”), que atrairá idéias correlatas e criará novos significados.

Em resultado dessa reflexão, o inconsciente do paciente *sente* a presença do seu equivalente no outro. É como se um francófono que vivesse numa cultura de língua inglesa ouvisse (ou ouvisse subliminarmente) o analista falar em francês. Assim, o paciente poderia começar a falar francês e ouvir em resposta a língua desejada – ou, poderíamos dizer, a língua do desejo. Isso porque esse aspecto do par freudiano, que abre o discurso à permeabilidade do pensamento e da influência inconscientes, é quase com certeza uma forma de desejo própria do pensamento inconsciente. Por outro

lado, no entanto, se o psicanalista não ouve à maneira freudiana, teremos de dizer que o inconsciente do paciente não percebe um equivalente e não encontrará o seu desejo durante a análise.

DESLIZES

A associação livre revela o inconsciente. Ela funciona como um caminho cada vez mais apurado para a articulação de idéias inconscientes, independentemente de onde venham: a lógica da seqüência; a lógica da projeção; o teatro das partes do eu que conversam entre si e com os objetos parentais; ou o movimento do personagem.

Esse acesso ampliado propicia uma espécie de *permeabilidade* à medida que o analisando transmite conteúdos inconscientes, em geral por meio de uma quantidade de lapsos verbais cada vez maior. Por exemplo, na metade de uma terapia, a paciente tanto se esforçava para refletir sobre pensamentos a respeito da relação com a sua mãe quanto tentava resistir a eles. A analisanda sempre idealizara a mãe, mas nessa altura já conseguia fazer associações livres. Então, numa sessão em que ela disse que teve “uma forte explosão emocional com a minha mãe”, em lugar de

que teve “uma forte *ligação* emocional com a minha mãe”, a paciente logo se deu conta do significado da correção do seu inconsciente.

À medida que o método da associação livre aumenta a permeabilidade da fala – predispondo o discurso do eu a uma espécie de parapraxia feita por essa paciente –, é quase como se o inconsciente da analisanda entendesse astutamente a psicanálise como uma forma de arte para a sua expressão e, tendo sido frustrado no “seu” desejo de representar os pensamentos verdadeiros do eu, entrasse no espaço analítico com um certo prazer.

A fala livre é a forma peculiar de pensar do inconsciente. “Pensando em voz alta”, qualquer um descobre o que achava que não sabia, mas também descobre nessa forma de representação uma nova técnica de raciocínio. Ironicamente, a afronta “você não sabe do que está falando” adquire um caráter bastante positivo na psicanálise, na qual o analisando aprende exatamente isso. Na verdade, ele *não* sabe do que está falando, mas a liberação lhe permite descobrir que o inconsciente fala por meio da consciência do eu e, retrospectivamente, pode ser compreendido de vez em quando.

É muito importante o fato de os pacientes acharem um discurso que lhes permite tanto liberar o inconsciente quanto ouvi-lo. Os analisandos “em” associação livre também ouvem o fluxo de idéias; essa relação de objeto intra-subjetiva (relações de parte do sujeito¹⁶) cria em cada pessoa uma relação radical e inteiramente nova com o eu. Se o psicanalista fosse o único intérprete da fala do paciente, estaria eliminada a possibilidade dessa nova forma de ser (consigo mesmo). Felizmente, porém, os analistas afeitos à teoria freudiana da técnica sabem que uma das grandes conquistas da psicanálise é o paciente descobrir uma nova relação com a sua vida inconsciente.

FÉ E OBJETIVIDADE

A representação estereotipada do freudiano é um indivíduo bastante autoritário com um conjunto poderoso de verdades comprovadas, esperando o momento certo para doutrinar o paciente na ideologia freudiana. Dá um alívio e tanto saber que não é assim, mas também uma decepção irônica. Na realidade, os psicanalistas que trabalham conforme o par freudiano não sabem durante muito tempo o significado daquilo que os pacientes dizem. Raramente com uma idéia na ponta

da língua, o psicanalista freudiano está na verdade perdido em meio às informações do paciente. É necessário ter uma autodisciplina e uma fé consideráveis para ser fiel a esse modo de escuta.

Apesar disso, o psicanalista seria capaz de transmitir pontos de vista e doutrinas pessoais?

Qualquer pessoa que ouça outra pode oferecer um conselho inflexível, no qual se inclui a recomendação de seguir os decretos ideológicos do ouvinte. E o psicanalista, se tivesse propensão para tanto, poderia deixar de lado o par freudiano para fazer o mesmo que qualquer um faz. Freud sem dúvida deixou de lado o seu método várias vezes para aconselhar os pacientes e doutriná-los em uma ou outra das suas opiniões a respeito do conflito humano. Aliás, é de esperar que a psicanálise, por ser uma teoria do conflito, esteja sempre cheia de idéias predeterminadas transmitidas ao paciente pelo analista. Essa é uma característica da psicanálise que pode ser apontada de imediato por qualquer um dos seus detratores, porque eles sabem, com base na sua personalidade, que qualquer eu tem dogmas. Então, o que compensa esse traço universal infeliz?

O método da associação livre subverte as tendências autoritárias naturais do psicanalista assim como o anseio

do paciente de ser dominado pelo conhecimento do outro. Portanto, essa é uma razão mais que suficiente para refletir sobre a sensatez extraordinária de um método que impõe ao analista que dispense suas recordações e intenções conscientes, em vez de se render a uma forma de escuta que o priva da capacidade de transmitir sua ideologia – seja freudiana, seja qual for. Em vez disso, o analista só tem à disposição a fé freudiana: a crença de que, ao se livrar de si mesmo (de todas as suas teorias) e se entregar às suas experiências emocionais, o pensamento inconsciente do paciente acabará se revelando.

Freud usou a palavra “fé” para descrever a disposição necessária para usar esse método:

Eu sei que é pedir demais, não só ao paciente como também ao médico, que eles abram mão dos seus objetivos intencionais conscientes, os quais, a despeito de tudo, ainda nos parecem “acidentais”. Mas posso dizer que se é recompensado toda vez que se resolve ter fé nos próprios princípios teóricos e se decide não disputar a orientação do inconsciente para determinar correlações.¹⁷

A fé freudiana se apóia na inteligência intuitiva do analista, a qual espelha a sua receptividade inconscien-

te. É bastante produtivo fazer eco aos comentários do paciente partindo simplesmente da própria *percepção* da elaboração inconsciente dele. De modo muito literal, esse eco extrai do paciente mais material e é, assim, tremendamente objetivo (resulta em *mais* objetos mentais). Uma intersubjetividade profunda produz uma forma própria de objetividade.

Ao deixar de lado as opiniões pessoais e as teorias psicanalíticas para dar apoio ao pensamento inconsciente do analisando, o psicanalista não só contribui para a produção de mais pensamentos, mas também assiste o paciente na determinação das verdades da sua própria análise. O paciente será o autor da sua significação. O paciente, e não o analista, é que dotará a psicanálise de campos de significado, criando uma rede complexa de associações que se tornem profundamente informativas.

A TRAMA E O INCONSCIENTE RECEPTIVO

Freud acreditava que o inconsciente se desenvolvesse (“o inconsciente é vivo e capaz de desenvolvimento [...] [e] é acessível às impressões da vida”¹⁸). No livro dos sonhos ele dá uma pista de como esse desenvolvimento ocorre:

*Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter finais definitivos; eles estão fadados a se ramificar em todas as direções pela rede intrincada do nosso mundo do pensamento. No ponto em que essa trama é particularmente fechada, o desejo do sonho cresce, como um cogumelo cresce do micélio.*¹⁹

“Trama” é a tradução de James Strachey²⁰ da palavra alemã *Geflecht*, que também significa “rede” e “trabalho de vime”. Essa ramificação ocorre na análise com as associações livres do analisando: ao longo da terapia, os ramos do paciente criam uma rede de pensamentos que constitui a matriz do inconsciente dele, pois ela atua no espaço psicanalítico. Ao pedir associações livres e recebê-las com uma disposição muito particular, o psicanalista aumenta não só a rede de conhecimento como também, simultaneamente, o alcance do inconsciente do paciente.

O psicanalista desenvolve a capacidade inconsciente do analisando.

Usando a teoria de Donald Winnicott do eu verdadeiro e falso – distinção que ele fez em primeiro lugar

¹⁸ James Strachey foi o tradutor para o inglês das obras completas de Freud. No caso citado pelo autor, ele empregou a palavra *meshwork*. (N. do T.)

para discorrer sobre a pessoa complacente que abriu mão dos seus desejos e crenças a fim de se adaptar às exigências do outro –, vemos que o par freudiano possibilita a articulação do eu verdadeiro do analisando. Com “eu verdadeiro” não queremos dizer “verdadeiro” como fator absoluto, nem mesmo “verdadeiro” no sentido purista de comparação com o eu falso, como se este não representasse também o caráter da pessoa. Winnicott quis dizer que o eu verdadeiro de qualquer pessoa era o gesto espontâneo – no modo de ser, no lazer, na fala ou nos relacionamentos – que servia de evidência da expressão momentânea do desejo do eu de apresentar ou representar a sua língua particular. Quando alguém se espreguiça ou boceja ou olha para um objeto, o eu pode romper a convenção do momento (fazendo isso ao mesmo tempo que conversa com outro, por exemplo), mas esses movimentos são indícios de espontaneidade.

O eu verdadeiro é a liberdade de linguagem com que o eu se percebe nas formas da vida cotidiana, enquanto o eu falso representa a adoção de formas que restringem tal liberdade.

O par freudiano revoga a complacência comum esperada. Embora se possa argumentar que o analisando

sem dúvida se sujeita à premissa de fazer associações livres – e certamente Freud às vezes insistiu muito em que o paciente aceitasse essa exigência –, está claro que a regra é paradoxal. O paciente deve adaptar-se ao intermediário que promove a articulação do seu inconsciente: ele cede à liberdade de expressão.

O analisando freudiano, livre para dizer o que lhe venha à mente, acostuma-se gradativamente com a passagem de um tópico para o outro, à medida que o dia anterior, lembranças de sonhos, observações a respeito de si mesmo, recordações e os interesses corriqueiros da vida cotidiana vêm à mente na sessão analítica. Nenhum paciente diz tudo, mas Freud não esperava um relatório completo. Todos guardam segredos, sejam de lembranças de formas diversas de indiscrição, de idéias sexuais que pareçam muito íntimas para se revelar, de ações antigas que atormentem o eu com culpa. O importante na prática freudiana é que o analisando fale, movendo-se de um tópico para o seguinte, sem tentar (conscientemente) discernir o que tudo significa, e tolerando a inexistência relativa do comentário analítico.

Após certo tempo, o paciente e o psicanalista encontram um rumo próprio no método, em que sur-

gem variações sutis. O paciente fica freqüentemente em silêncio, mergulhado num pensamento associativo profundo que *não* será revelado. O psicanalista também faz muitas associações do que o paciente disse, que permanecerão guardadas. O analista quase sempre percebe que, quando faz um comentário, o paciente parece estar desligado.

O psicanalista descobre que a sua interpretação é usada não por causa da aparente precisão, mas como uma espécie de forma evocativa: como o analista fala, curiosamente o paciente tem a liberdade de não ouvir! Porém, ao não ouvir, o paciente parece voltar-se intrapsiquicamente para outra interpretação. Quando o analista lhe pergunta se ele está pensando em outra coisa, o paciente responde que, enquanto o analista falava, ele pensava em *x* – uma interpretação do inconsciente do analisando que difere da interpretação do analista; mas *x* não teria sido possível se a interpretação do analista não tivesse feito diferença naquele momento.

A teoria freudiana da “trama” também nos permite entender melhor a compreensão inconsciente que o analista tem das informações transmitidas pelo paciente. O tempo todo, claro, o psicanalista,

encontrando-se no estado de atenção imparcialmente enlevada, ocupa-se das suas associações livres com o material do paciente. Como mencionei, o analista sempre se surpreenderá com uma palavra ou imagem particular e, no momento adequado, a reafirmará, atitude determinada tão-somente pela noção pré-associativa que o analista tem do valor da palavra. Com o tempo, entretanto, o psicanalista terá tecido uma rede vasta de associações interiores em torno das informações dadas pelo paciente, e essa rede se tornará o campo psíquico por meio do qual o analista filtra a história corrente do paciente em análise.

REPRESSÃO OU RECEPÇÃO?

Ambos os participantes estão envolvidos numa atividade inconsciente, mas a cooperação obtida no par freudiano oferece uma noção do inconsciente complementar à que Freud privilegiava. Freud destacou o inconsciente reprimido na tentativa de discutir o destino mental das idéias indesejáveis. Em 1923, todavia, ele ficou perplexo com o que parecia ser uma contradição na sua teoria do inconsciente.²⁰ Além da existência de conteúdos reprimidos, havia também

uma instância da mente que realizava a repressão, que era em si inconsciente. O que ele deveria fazer com esses dois inconscientes?

Freud nunca solucionou esse problema formalmente, mas é bem fácil encontrar nos seus textos uma solução tácita da aparente contradição. A instância repressora era, obviamente, o ego, que opera os mecanismos da mente. O ego conduz a construção onírica, forma os sintomas, armazena durante o dia momentos valiosos para a psique e organiza toda e qualquer característica da vida inconsciente do eu. O ego tem um interesse inquestionável na percepção da realidade, em organizá-la e transmiti-la aos outros. Se no início da humanidade essa organização foi essencial para a sobrevivência, em circunstâncias menos adversas ele se tornou uma forma de prazer por si só. E, ao mesmo tempo que a repressão de idéias indesejáveis é uma defesa necessária contra os sentimentos desagradáveis provocados por elas, a recepção da realidade é uma condição necessária para a sobrevivência e o prazer do eu.

Freud não criou formalmente uma teoria do inconsciente receptivo em contraposição ao inconsciente reprimido, mas a sua teoria dos sonhos e a sua convicção no uso da comunicação inconsciente revelam

uma pressuposição complexa da capacidade receptiva do ego (e a devolução do recebido) nas muitas formas diferentes de comunicação – na fala, na pintura, na composição ou na movimentação do corpo.

GÊNEROS PSÍQUICOS

Qualquer eu recebe e altera a realidade, organizando a vida em bancos de memória (ou “tramas”), nos quais as percepções se ordenam em matrizes psíquicas extremamente condensadas.

A vida nos interessa de maneiras diversas. Em princípio curioso, o nosso desejo busca prazer em inúmeros momentos gratificantes, memoráveis em graus variados. A psicanálise é uma teoria do desejo da memória, de experiências que, tendo produzido determinado valor, se tornam a base de interesses correlatos subsequentes. Com o tempo, qualquer eu organiza milhares de interesses (e a história de cada um deles) em regiões psíquicas que possibilitam novas perspectivas na visão que o eu tem da realidade.

Essas estruturas mentais têm início na forma de perguntas derivadas de experiências simples. “Como posso sentir de novo esse prazer?” “Como evitar esse tipo de dor?” “O que me interessa?” As perguntas são

enviadas pelo inconsciente a lugares psíquicos diferentes que lidam com questões parecidas. No começo da vida, por exemplo, o seio é um objeto de desejo. “O que é isso?” constitui o paradigma de todas as perguntas, e qualquer eu organiza uma estrutura psíquica em torno do desejo e da sua história que não só motivará mais curiosidade, mas também fomentará percepções mentais importantes, ou epifanias, que desenvolvem o eu.

Um paciente, por exemplo, trabalhou inconscientemente durante meses em questões que pareciam ter relação com cor e luz. Numa semana, ele fala em pintar um cômodo; em outra, esse tema reaparece na iluminação de objetos que ele pretende executar num projeto profissional; e em outra semana ele tem uma série de sonhos que, em parte, retratam interesses na cor da pele. Certo dia o paciente chega para a sessão depois de ter passado pela padaria, onde notou a opacidade de um tipo de baguete. Ele pensou estar no limiar de uma revelação, e na sessão, ao falar nas próximas férias de verão, disse: “Acho que quero ir a Tucson”. Ele pensara em Tucson antes, mas nunca sentira premência de ir lá. Numa série de associações velozes – mais parecidas com a formação de uma percepção –, o paciente asso-

ciou rapidamente as cores do deserto a tipos diferentes de vegetais e animais nativos do Arizona. O paciente então se recordou de uma mulher da sua infância chamada Tucson Peg, que ele conhecia por ser uma amiga próxima dos seus pais que os visitava todos os verões durante alguns dias. Em meio a esse complexo de idéias, o paciente disse subitamente: “Eu me lembro de que um dia me senti muito atraído pela minha mãe, por ter achado que ela era lindíssima de maiô. Percebo que desisti de procurar qualquer coisa ligada à beleza dela porque é proibido”.

Como as associações anteriores *se somam* a essa percepção? Nunca saberemos. Podemos inferir que o interesse crescente do analisando por cor tinha alguma relação com a beleza da sua mãe, porque após essa sessão ele foi mais preciso, recordando a cor do maiô e a linda pele dela. Também se lembrou de uma pintura da casa – um retrato muito colorido de mulher –, pela qual ele sempre teve um gosto especial. Ele se lembrou de que achava Tucson Peg muito atraente. E a própria cidade de Tucson ele associou com a liberdade e a beleza do Oeste dos Estados Unidos.

Vemos, assim, que o paciente trabalhou por vários meses no que podemos chamar de gêneros psíquicos²¹

– a aglutinação de impressões em uma região da vida psíquica do eu –, a fim de reunir o material mental daquilo que viria a ser uma nova perspectiva de si mesmo, do seu passado e do seu futuro. Essas constelações interiores de interesses formam-se durante o dia por meio de associações de pensamentos, geralmente em resposta a episódios distintos da vida, em razão de desejos há muito presentes no eu. Quando a estrutura atinge uma epifania – entendida aqui como um momento de descoberta que permite ao eu aumentar sua capacidade de reflexão –, a pessoa vê a si e aos outros de uma maneira um tanto nova.

Uma das características intrigantes da análise é o fato de os pacientes terem essas composições internas organizadas que, como um ímã, atraem mais impressões e servem de núcleo da articulação do eu para criar as próprias composições internas. Os gêneros psíquicos recebem as impressões da vida, fomentam novas perspectivas para a existência do eu e ao mesmo tempo se empenham em representá-las no modo de ser, no lazer ou nos relacionamentos.

Os gêneros espelham a atividade de recepção, que segue o instinto epistemofílico do eu: o desejo de saber. Trabalhar no saber é uma forma de prazer, decorrente

inicialmente da exploração feita pelo bebê no corpo da mãe (real ou imaginado) e da sua avidez edipiana. A atividade de recepção também é impulsionada pelo desejo do ego de domínio (da sua realidade psíquica), expresso na sua organização das impressões da vida. As áreas de interesse são cotejadas e armazenadas no inconsciente até o momento em que gerem (se gerarem) uma nova perspectiva, momento em que existe alguma forma de reconhecimento emocional da existência de uma descoberta recente.

A atividade de recepção diferencia-se da de repressão no sentido de que recepção é o desejo de acolher e organizar impressões a fim de ter mais acesso aos prazeres da vida, ao passo que repressão representa a atividade da angústia, que expulsa as impressões desagradáveis para a consciência. As organizações receptivas, porém, estão abertas a fenômenos reprimidos, e no exemplo acima fica claro que a figura de Tucson Peg resulta em parte de desejos pela mãe do paciente reprimidos.

Os psicanalistas gostam que os pacientes se mostrem imersos em atividades inconscientes diferentes. Em qualquer momento da análise, o paciente desenvolve inúmeras composições inconscientes; como tal,

o comentário sobre questões da vida reflete uma seleção inconsciente motivada pelo desejo de cada composição. O psicanalista, inconscientemente receptivo à comunicação do paciente, participa do trabalho de composição.

Se a repressão tenta proibir o indesejável, a recepção reúne o desejável. E se, às vezes, o que é desejável estiver presente no indesejável numa forma mais agradável, o ego também buscará a representação de qualquer um dos seus interesses. Fora da análise, ele também o faz numa escala bem menor durante o dia, quando organiza as coisas interessantes do dia no sonho daquela noite. Esse pode ser o paradigma dos gêneros psíquicos. Os interesses do dia, que por sua vez estão ligados a toda a história do eu até aquele instante, juntam-se em grupos de pressão que incitarão o ego a formar sonhos naquela noite. Esses pontos de aglutinação são gêneros psíquicos que desejam ter domínio da organização a fim de obter o prazer da representação.

Freud apresentou em boa medida uma teoria do que aqui denominamos “gêneros” no seu conceito de “pontos nodais”. Ele acreditava que a vida psíquica fosse estratificada concentricamente, com diversas linhas lógicas emanadas de núcleos psíquicos ou dirigidas

para eles ao longo de “um caminho irregular e sinuoso”, e – mais importante – que “esse arranjo tem um caráter dinâmico”²². Ele então acrescenta:

*O encadeamento lógico corresponde não só a uma linha em ziguezague, sinuosa, mas sim a um sistema de linhas ramificado e, mais particularmente, a um sistema convergente. Ele contém pontos nodais em que duas ou mais linhas se encontram e daí partem como uma; e, em geral, várias linhas que correm independentemente ou são conectadas em vários pontos por caminhos laterais desembocam no núcleo.*²³

Esses pontos nodais são gêneros. Eles se reúnem de diversas fontes que encontram numa rede efêmera algum tipo de interesse compartilhado, que então se torna “sobredeterminado” – um interesse agora mais forçoso que, entre outras consequências, exigirá uma representação.

QUESTÕES DO DIA

O curioso laboratório da psicanálise nos dá a oportunidade de ver como as pessoas pensam inconscientemente. Em geral uma sessão parece apresentar questões implícitas ou explícitas. O paciente pode co-